



ÉTICA E PÓS-MODERNIDADE: DESAFIOS A UMA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

Paulo Eduardo de Oliveira

A reflexão aqui proposta pretende analisar os desafios que a pós-modernidade¹ apresenta para uma educação voltada à dimensão da sustentabilidade, sobretudo na questão ética que isso implica.

A cultura ocidental, desde o século XV até o século XIX, sofreu uma profunda transformação: afastou-se de uma concepção religiosa do mundo, na qual tudo tinha referência ao sagrado (Idade Média), aproximando-se de uma mentalidade apoiada exclusivamente na razão humana. Ao invés de explicar o universo, a natureza e a vida humana a partir de Deus, passamos a explicá-los pela própria razão, pelo conhecimento e pelas novas descobertas científicas. Pensadores como Copérnico, Galileu e Newton passaram a exercer forte influência em todo o pensamento da época. Tudo passou a ser visto sob a ótica da ciência e da matemática, seguindo o ideal proposto por Galileu, segundo o qual “a natureza é um livro aberto escrito na linguagem da matemática”.

Aí houve a grande separação entre ciências humanas e ciências exatas. As ciências exatas, principalmente a física, eram vistas como *modelo de todas as ciências*, porque eram mais rigorosas em seus métodos de pesquisa e seus resultados eram mais confiáveis. As ciências humanas, por sua vez, eram consideradas com menos valor, pois seus conhecimentos não podiam ser provados matematicamente.

A principal característica dessa mentalidade era a confiança ilimitada na razão humana: a razão pode tudo e, por isso, nós vivemos numa época de certeza, pensavam as pessoas daquele tempo. Os principais resultados desse modo de pensar foram a Revolução Industrial e os avanços que a tecnologia trouxe para a humanidade (a descoberta da eletricidade, a invenção de inúmeros instrumentos e máquinas para facilitar a vida humana, os avanços na medicina e nas outras ciências, o crescimento das cidades, a industrialização etc.). A esse período, costumamos chamar de *modernidade*. Trata-se de um novo paradigma² para a compreensão do saber humano, com repercussão no modo de vida das pessoas em todos os aspectos. Sobretudo no que diz respeito à questão da *sustentabilidade ambiental, econômica e social*, o paradigma moderno trouxe os mais graves problemas para a humanidade, como o aumento da distância entre as classes sociais, a degradação em escala do meio ambiente, a concentração de renda, o inchaço do meio urbano, entre outros fatores.

MORAL MODERNA

A modernidade³, entendida a partir da confiança ilimitada nos poderes da razão⁴, estabeleceu parâmetros claros para a moralidade. Immanuel Kant⁵ talvez seja o maior expoente de uma filosofia prática regida sob as luzes de uma *razão autônoma*. O que significa isso? Significa que a razão humana não precisava mais depender de explicações metafísicas (religiosas e filosóficas) para orientar a moral, os princípios e os valores. Se, antes, na Idade Média, toda a moral se explicava com referência a Deus (fazer o bem e evitar o pecado), agora, na modernidade, bastavam os princípios da razão (a lógica e o raciocínio) para orientar a moral e a escolha de valores.

O princípio fundamental da moral kantiana reside na seguinte afirmação: “Age de tal forma que sua ação possa se tornar uma lei universal” (KANT, s/d.). Posto este princípio, de modo totalmente racional, ou seja, sem a interferência de explicações de natureza metafísica ou sobrenatural, a conduta humana pode ser descrita a partir de uma visão totalizante e universal. As diferenças (individuais e sociais, da cultura e do tempo) tornam-se desprezíveis em face da uniformidade moral que se apresenta como princípio orientador da ação *do Homem* e não *dos homens*.

Porém, esse modo de pensar, a partir do século XIX, se vê ameaçado por uma *nova racionalidade*⁶. Curiosamente, uma “racionalidade irracional”. Como será isso possível? Obviamente, esta avaliação se faz a partir das noções modernas de racionalidade que exigiam objetividade estrita, precisão matemática, rigor metodológico, certezas teóricas e definições conceituais absolutas. A *concepção determinista do mundo* (o mundo funciona como um relógio que nunca atrasa) foi fortemente atacada pela influência do indeterminismo (nem tudo se pode prever

na natureza e na vida humana). O aparecimento da *incerteza* como uma categoria permanente favoreceu a presença de uma mentalidade volátil, provisória, flexível: “nem tudo está definido e nós precisamos aprender a viver na incerteza”. Essa era a nova mensagem que as transformações culturais trouxeram. Nasce, assim, a pós-modernidade⁷.

Neste sentido, a pós-modernidade permite uma abertura para um novo modo de compreender o ser humano e sua relação com o meio ambiente e a sociedade. As questões que dizem respeito à sustentabilidade são, assim, mais reconhecidas em seu valor. Não se trata apenas de uma visão racional e utilitarista da natureza, por exemplo, mas de uma dimensão relacional mais profunda e integradora, como mostra Fritjof Capra⁸ em seu livro *A teia da vida* (CAPRA, 2004).

Por outro lado, a pós-modernidade, segundo alguns autores, exhibe um vínculo muito forte com a mentalidade consumista⁹ de nossa época, o que compromete, sem dúvida, todo o empenho pela construção de uma sociedade sustentável.

A PÓS-MODERNIDADE EM FOCO

Pensar a pós-modernidade tornou-se, mais do que um modismo intelectual, uma necessidade premente, pois “... nas últimas duas décadas, ‘pós-modernismo’ tornou-se um conceito com o qual lidar, e um campo de opiniões e de forças políticas conflitantes que já não pode ser ignorado” (HARVEY, 1992, p. 45). Não se trata apenas de um movimento de pensamento, mas de uma revolução no campo das ideias e dos valores:

O que aparece num nível como o último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança da sensibilidade para a qual o termo ‘pós-moderno’ é, na verdade, ao menos por agora, totalmente adequado. A natureza e a profundidade dessa transformação são discutíveis, mas transformação ela é. Não quero ser entendido como se afirmasse haver uma mudança global de paradigma nas ordens cultural, social e econômica; qualquer alegação dessa natureza seria um exagero. Mas, num importante setor da nossa cultura, há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições de um conjunto precedente. (HARVEY, 1992, p. 45)

Contudo, a identificação da pós-modernidade e a afirmação de sua autonomia teórica e de sua influência sobre a cultura não são imunes a dificuldades e problemas de natureza diversa, suscitando uma série de questões cuja resposta nem sempre se pode alcançar de modo definitivo. A primeira questão diz respeito à relação que se estabelece entre a modernidade e a pós-modernidade: “O pós-modernismo (...) representa uma ruptura radical com o modernismo ou é apenas uma revolta no interior desse último...?” (HARVEY, 1992, p. 47). Se se trata, de fato, de uma ruptura, então podemos usar legitimamente o prefixo “pós”. Do contrário, não seria

mais adequado falar ainda de modernidade em uma fase mais adiantada? A questão de fundo é a legitimação da própria pós-modernidade como corrente autônoma e independente.

A segunda pergunta coloca o problema conceitual ligado à questão da cronologia e da história: “Será o pós-modernismo um estilo (caso em que podemos razoavelmente apontar como seus precursores o dadaísmo¹⁰, Nietzsche ou mesmo, como preferem Kroker e Cook, as *Confissões* de Santo Agostinho, no século IV) ou devemos vê-lo estritamente como um conceito periodizador (caso no qual debatemos se ele surgiu nos anos 50, 60 ou 70)?” (HARVEY, 1992, p. 47).

A terceira questão coloca o problema do potencial revolucionário do pós-modernismo ao se abrir para horizontes desconhecidos (ou encobertos):

Terá ele um poder revolucionário em virtude de sua oposição a todas as formas de metanarrativa¹¹ (incluindo o marxismo, o freudismo e todas as modalidades de razão iluminista) e da sua estreita atenção a ‘outros mundos’ e ‘outras vozes’ que há muito estavam silenciados (mulheres, gays, negros, povos colonizados com sua história própria)? Ou não passa da comercialização e domesticação do modernismo e de uma redução das aspirações já prejudicadas deste a um ecletismo de mercado ‘vale tudo’...? (HARVEY, 1992, p. 47)

Além disso, a pós-modernidade parece se definir não por sua identidade própria, mas, negativamente, em função do conceito de modernidade, procurando identificar seus objetos, seus conceitos e seus princípios. Desse modo, as questões acerca da natureza da pós-modernidade nos colocam um problema igualmente significativo: o da avaliação do próprio conceito de modernidade.

Essas várias possibilidades lógicas, no entanto, estão necessariamente ligadas a uma tomada de posição a respeito de uma outra questão que está inscrita na própria palavra ‘pós-modernismo’, a saber, a da avaliação do que agora deve ser chamado de alto modernismo, ou de modernismo clássico. De fato, quando procedemos ao inventário inicial dos vários artefatos culturais que poderiam, plausivelmente, ser caracterizados como pós-modernos, é forte a tentação de procurar alguma ‘semelhança familiar’ entre produtos e estilos tão heterogêneos, não neles mesmos, mas sim em algum impulso ou estética comum do alto modernismo, contra o qual eles reagem, de uma forma ou de outra. (JAMESON, 1997, p. 80)

Para dar alguns exemplos familiares: a música moderna era o que chamamos música clássica (Beethoven, Bach, Mozart). A música pós-moderna, no entanto, configura-se nos novos ritmos, no rock pesado, no *funk* e numa série de outras “extravagâncias musicais”. Vejamos outro caso: a pintura moderna, como a obra de Leonardo Da Vinci, por exemplo, tinha desenhos bem definidos, cores bem escolhidas e separadas etc. A pintura pós-moderna¹², no entanto, mostra figuras abstratas, cores misturadas, tintas espalhadas de forma irregular: alguns até perguntam “essa tinta jogada na parede é arte?”. Na moda, podemos encontrar outro exemplo significativo: o modo como as pessoas se vestiam na modernidade era clássico (ternos e vestidos). Na pós-modernidade, vale-tudo (roupas curtas, jeans rasgado, tênis com paletó, saias até o chão ou muito acima do joelho, cores misturadas e muito mais).

Isso que ocorre em campos tão diversos (como a música e a moda) também influencia o campo da moral (dos valores e costumes). Pense nesse único exemplo: no período moderno, as pessoas iniciavam um relacionamento pelo namoro, que consistia em um período relativamente longo, com o consentimento dos pais e era, em geral, feito de contatos superficiais. Hoje, como são os relacionamentos? Diz-se até que as pessoas não mais namoram, elas “ficam” e isso dá direito a tudo, já no primeiro dia.

O MAL-ESTAR PÓS-MODERNO

Todas essas transformações culturais geram certo mal-estar: porque as coisas pareciam mais definidas e claras e, hoje, tudo parece confuso, incerto, sem regras bem estabelecidas. Perdemos as certezas e não sabemos mais por onde caminhar. Antigamente, os pais sabiam o que ensinar a seus filhos. E hoje? Há muitas dúvidas. Muitos pais e mães se omitem, simplesmente porque não sabem ao certo o que é o bem ou o mal: tudo parece estar misturado.

Assim, a pós-modernidade pode representar possibilidade de libertação das amarras e da rigidez racional, mas também pode gerar mal-estar. Na medida em que subverte a ordem de um mundo fixado no determinismo, em todos os campos, gera desconforto e insegurança. Isso porque, como afirma Zygmunt Bauman¹³, “ao mesmo tempo que traça suas fronteiras e desenha seus mapas cognitivos, estéticos e morais, ela não pode senão gerar pessoas que encobrem limites julgados fundamentais para a sua vida ordeira e significativa, sendo assim acusadas de causar a experiência do mal-estar como a mais dolorosa e menos tolerável”. (BAUMAN, 1998, p. 27)

A chamada era pós-industrial, a partir dos anos 50 do século XX, foi bruscamente substituída por um *modelo cultural* avesso à racionalidade científica estabelecida pela modernidade. Trata-se de um movimento de reação à rudeza moderna, expressa por Robert Musil quando afirma: “A verdade é que a ciência favoreceu a ideia de uma força intelectual rude e sóbria que torna francamente insuportável todas as velhas representações metafísicas e morais da raça humana” (MUSIL In: LYOTARD, 1998, p. vii). Na expressão de Harvey, a pós-modernidade indicou uma preocupação de “construir para as pessoas, e não para o Homem”. (HARVEY, 1992, p. 45) Passou-se a considerar, então, a insuficiência dos princípios da ciência clássica, propondo novas categorias de compreensão do conhecimento (pensamento sistêmico e complexo, por exemplo).

Substantivos mais especializados como *complexidade* ou *complexificação* aparecem no decorrer do século XX (em campos como a ecologia, a etologia cibernética, as redes, a sistêmica...), e novas características decorrem progressivamente disso, enriquecendo o conceito. Mas, antes de mais nada, são posições filosóficas que se afirmam. Trata-se de uma tomada de posição epistemológica. Joël de Rosnay tem razão ao fazer

de seu macroscópio uma nova ótica, enquanto que para Edgar Morin o postulado do *pensamento complexo* corresponde essencialmente a uma reforma, se não mesmo a uma revolução, do procedimento de conhecimento que quer de agora em diante manter juntas perspectivas tradicionalmente consideradas como antagônicas (universalidade e singularidade). (ARDOINO In: MORIN, 2001, p. 550)

Em consequência, uma nova compreensão da sociedade como *rede*. Se a visão linear parece corresponder à racionalidade moderna, a estrutura em rede esboça a perspectiva pós-moderna.

Como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes. Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expressão penetrante em toda a estrutura social. (CASTELLS, 1999, p. 497)

Além disso, nossa própria imagem do universo foi alterada, substituindo-se a visão linear¹⁴ por uma visão complexa¹⁵: deixamos os mitos e aderimos a teorias inovadoras sobre a origem do cosmos, sem as adotar em definitivo, mas como posições que nos ajudarão a dar passos mais largos no futuro:

A Natureza jamais vai deixar de nos surpreender. As teorias de hoje serão consideradas brincadeiras de criança por futuras gerações de cientistas. Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do futuro. No entanto, o trabalho dos cientistas do futuro seria impossível sem o nosso, assim como o nosso teria sido impossível sem o trabalho de Kepler, Galileu ou Newton. Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de perfeição. (GLEISER, 1997, p. 397)

Essa visão da ciência como um quadro de referências provisórias é uma das notas da racionalidade pós-moderna. Ao invés da inflexibilidade, do dogmatismo e da certeza, sugerem-se a tolerância, a modéstia e a consciência da provisoriedade.

A ciência, assim, passa a adotar outro modelo de racionalidade. Essas transformações parecem ter se originado aí mesmo no âmbito da ciência (e da verdade), a partir das revoluções científicas da segunda metade do século XIX. (LYOTARD, 1998, p. vii) Tais revoluções favoreceram a crítica ao estatuto determinista e dogmático da racionalidade moderna, abrindo-nos a outras possibilidades de compreensão da razão, do saber e da cultura. Veja-se, por exemplo, a contribuição da teoria da evolução, a teoria termodinâmica, as geometrias não euclidianas, as lógicas não clássicas, a teoria psicanalítica, a teoria da relatividade de Einstein, entre outros exemplos. Numa palavra, as revoluções científicas ocorridas a partir de então levaram àquilo que Ilya Prigogine¹⁶ chama de “o fim das certezas”. (PRIGOGINE, 1996)

Embora a ciência tenha sido o berço dessa revolução, não se deve limitar o alcance apenas aos territórios da ciência. Antes, deve-se notar que a expressão pós-modernidade “... designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes”. (LYOTARD, 1998, p. xv) Mas, ainda, deve-se considerar a pós-modernidade como uma questão que afeta, sobretudo, o campo das ideias e da filosofia, pois é aí que se encontra o núcleo do turbilhão das transformações ocorridas.

Na filosofia, a mescla de um pragmatismo americano revivido com a onda pós-marxista e pós estruturalista que abalou Paris de 1968 produziu o que Bernstein chama de ‘raiva do humanismo e do legado do Iluminismo’. Isso desembocou numa vigorosa denúncia da razão abstrata e numa profunda aversão a todo projeto que buscasse a emancipação humana universal pela mobilização das forças da tecnologia, da ciência e da razão. (HARVEY, 1992, p. 46)

Em outras palavras, deixou-se de lado aquele modo de pensar em que a razão era capaz de tudo e começou-se a admitir os limites da própria razão: não somos capazes de explicar tudo e nossas explicações não devem, portanto, ser tomadas como definitivas (a última palavra sobre as coisas), mas como *aproximações provisórias*. Nesse sentido, a questão da sustentabilidade ganha novo impulso, pois é preciso sempre estar em atitude de revisão constante de nossas teorias e pontos de vista, a fim de encontrar caminhos sempre novos e mais adequados para a organização da vida em todos os seus contextos (social, cultural, econômico, político, ambiental etc.). Uma visão menos dogmática da ciência, como a pós-modernidade sugere, permite assim uma abertura maior à dimensão da sustentabilidade.

ÉTICA PÓS-MODERNA

Nesse emaranhado de transformações, também a moralidade sofre o influxo da mudança, uma vez que os pressupostos da moralidade moderna passam a ser severamente criticados. Desse modo, não se pode ocultar a crise moral que se instaura na pós-modernidade.

A crise moral de nosso tempo é uma crise do pensamento iluminista¹⁷. Porque, embora esse possa de fato ter permitido que o homem se emancipasse da ‘comunidade e da tradição da Idade Média em que sua liberdade individual estava submersa’, sua afirmação do ‘eu sem Deus’ no final negou a si mesmo, já que a razão, um meio, foi deixada, na ausência da verdade de Deus, sem nenhuma meta espiritual ou moral. Se a luxúria e o poder são ‘os únicos valores que não precisam da luz razão para ser descobertos’, a razão tinha de se tornar um mero instrumento para subjugar os outros. (HARVEY, 1992, p. 47)

A crise moral atual se instaura como consequência de uma atitude que é típica da pós-modernidade: a preferência pela parte, ao invés do todo. Essa nota característica é “o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero,

do fragmentário, do descontínuo e do caótico (...) ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos ‘eternos e imutáveis’ que poderiam estar contidos nele”. (HARVEY, 1992, p. 49) Desse modo, “as verdades eternas e universais, se é que existem, não podem ser especificadas” (HARVEY, 1992, p. 49), em virtude da impossibilidade de se estabelecer *metanarrativas totalizantes* (explicações gerais sobre as coisas que servem para todas as pessoas e todos os tempos, como uma “Pedagogia Geral” ou uma “Ética Geral”). Tais explicações já não são mais possíveis porque não vivemos mais numa época de certezas absolutas, mas de incerteza e de dúvida: podemos construir apenas a “nossa pedagogia” e a “nossa ética”, sem a pretensão de que sirvam para “todas as pessoas”. Do ponto de vista da sustentabilidade, essa orientação ética pode oferecer problemas, uma vez que se trata de uma *ética individual*, enquanto as questões da sustentabilidade exigem um nível de responsabilidade e comprometimento em nível comunitário e global. A questão da responsabilidade social¹⁸, base de todo empenho em prol da sustentabilidade, não pode, pois, se configurar a partir de uma ética individual.

Lyotard define a pós-modernidade justamente a partir da impossibilidade de garantia e de validade das metanarrativas:

Considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos metarrelatos (...) A função narrativa perde seus atores, os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos, etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis*. (LYOTARD, 1998, p. xvi)

Os nossos discursos (também em sala de aula, também sobre a moral) perdem seu valor absoluto (não são mais metanarrativas): são provisórios e pragmáticos, ou seja, servem para resolver problemas práticos, nascidos do dia a dia, mas não para explicar a vida humana como um todo.

A IMPOSSIBILIDADE DE CONSTRUIR UMA MORAL GERAL

Portanto, todo o empenho em construir uma moralidade universal, apoiada em uma metanarrativa totalizante do homem, passa a ser visto com desconfiança. Ao contrário, nascem as moralidades locais e fragmentárias, para as pessoas concretas, uma moralidade fortemente embebidas em subjetividade e em particularismos de novos discursos. Assim, “o único caminho para ‘eliminar o fascismo de nossa cabeça’ é explorar as qualidades abertas do discurso humano’, tomando-as como fundamento, e, assim, intervir na maneira como o conhecimento é produzido e constituído nos lugares particulares em que prevaleça um discurso de poder localizado”. (HARVEY, 1992, p. 50)

Desse modo, a reflexão ética na pós-modernidade não pode estar fixada em uma visão totalizante¹⁹, mas nos fragmentos de um discurso de poder que se estabelece na *microfísica* das relações interpessoais e institucionais, como afirma Michel Foucault. (FOUCAULT, 1992) Não cabem mais os velhos quadros referenciais gerais, as velhas tábuas de leis que se aplicam a tudo e a todos. Se, por um lado, isso pode conduzir a um relativismo ético, desembocando num *vale tudo moral*, tal situação permite, de outra parte, que o formalismo (presente em culturas morais dogmáticas) dê lugar à espontaneidade e à transparência (dos regimes morais subjetivos). Não se trata, como alguém poderá nos acusar, de uma *frouxidão ética* ou de um *ceticismo moral absoluto*. Ao contrário, trata-se apenas de estabelecer regras de moralidade a partir dos traços que definem nossa condição presente: a provisoriedade, a flexibilidade, a não permanência.

Ao invés de se escrever uma moral geral, prefere-se a atitude de quem rascunha regras e normas para um homem concreto, situado numa condição concreta. Não um *homem abstrato*, de acordo com certo ideal de humanidade, mas um *homem situado*, um *ser-aí* (na expressão de Martin Heidegger (HEIDEGGER, 2002)), um homem para o qual não implicam os conceitos universais, mas a concretude do aqui e do agora.

Não se trata, também, de uma adoção do *niilismo*²⁰ como a mais nova moral. Trata-se, antes, da consciência de que não se podem definir *sentidos totalizantes* (como o sentido da vida, do bem e da verdade), mas apenas sentidos intersubjetivamente compartilhados. Assim, pode-se dizer que não há *valores*, mas tão somente *valores para nós*.

Nesse processo de redescoberta da ética e da moral, não há certezas definitivas, pois isso nos conduziria ao mesmo caminho do qual queremos nos livrar. Como afirma John Calhoun, devemos considerar que “o intervalo entre a decadência do antigo e a formação e estabelecimento do novo constitui um período de transição, que sempre deve ser marcado necessariamente pela incerteza, pela confusão, pelo erro e pelo fanatismo selvagem e implacável”. (CALHOUN In: HARVEY, 1992, p. 115)

DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO EM VISTA DA SUSTENTABILIDADE

A pós-modernidade traz alguns desafios prementes para a educação, sobretudo para uma educação voltada à preocupação com a sustentabilidade, ou seja, com a formação de gerações de pessoas cada vez mais preocupadas com as condições de vida atuais e futuras da humanidade e do próprio planeta.

Em primeiro lugar, não se pode mais considerar que nossos saberes são absolutos: antes, são conhecimentos provisórios, embora nosso empenho seja sempre em chegar à verdade, como

afirma o filósofo Karl Popper. (POPPER, 1985) Portanto, ao invés do dogmatismo e da arrogância intelectual, devemos desenvolver a modéstia e a tolerância. A esse respeito, duas produções do cinema podem nos ajudar a refletir: “*Sociedade dos Poetas Mortos*”²¹ e “*O sorriso de Monalisa*”²².

Em segundo lugar, deve-se respeitar muito mais a individualidade de cada aluno. Não valem mais os *métodos de igualação*, que reduzem todas as diferenças e as características peculiares de cada aluno numa *visão geral*. Vale, sim, o jeito próprio de pensar, os valores pessoais, as escolhas de cada um, os interesses particulares etc.

Por fim, cabe aos educadores preparar os educandos para a incerteza, para os novos desafios, para a busca constante de aprimoramento: mais do que ensinar respostas prontas para tudo, deve-se ensinar que as respostas que temos são sempre tentativas provisórias. Mais do que aprender respostas de cor, é preciso aprender a fazer novas perguntas e a buscar respostas sempre novas. Estamos num processo de evolução individual, social e cultural: não somos seres estáticos, mas dinâmicos. Toda a consciência que hoje se desenvolve, em relação às questões de sustentabilidade, é prova de que estamos a caminho da *construção de um mundo melhor*, como sublinhou Karl Popper. (POPPER, 1989)

INDICAÇÕES DE LEITURA

ARDOINO, Jacques. *A complexidade*. In: MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 550.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 27.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 497.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 397.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 45.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997, p. 80.

KANT, Immanuel. **Fundamentos da Metafísica dos costumes**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. vii.

POPPER, Karl. **Conjecturas e refutações**. Brasília: UnB, 1985.

POPPER, Karl. **Em busca de um mundo melhor**. Lisboa: Fragmentos, 1989.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**. São Paulo: Unesp, 1996.



DEFINIÇÕES E NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 Pós-modernidade – Segundo autores como Jean-François Lyotard, entende-se por *pós-modernidade* o contexto cultural surgido após a II Grande Guerra, marcado sobretudo pelo descrédito e um certo ceticismo em relação ao ideal racionalista da modernidade.
- 2 A palavra *paradigma* deriva do grego e significa “padrão” ou “modelo”. Trata-se de um conceito bastante utilizado ultimamente, sobretudo depois que o filósofo da ciência Thomas Kuhn o popularizou em seu livro *A estrutura das revoluções científicas*, de 1972.
Indicação de vídeo: Para uma compreensão mais didática do conceito de paradigma, veja-se o vídeo *A questão dos paradigmas*, de Joel Barker, acessível no seguinte link: <<http://www.youtube.com/watch?v=IkKnBjfuJ-8>> .
- 3 A modernidade corresponde ao período que vai do final da Idade Média (século XIV) até a Revolução Francesa (século XVIII).
- 4 Entende-se por razão, do ponto de vista filosófico, a capacidade que os seres humanos têm de compreender a realidade e a si próprios, construindo diversos tipos de saberes para explicar a existência de si e do mundo (como os mitos, as doutrinas religiosas, as teorias científicas, as concepções filosóficas).
- 5 Immanuel Kant (1724-1804), filósofo prussiano, tornou-se um dos principais pensadores do período moderno. Entre suas obras, destacam-se as três críticas: *Crítica da Razão Pura*, *Crítica do Juízo* e *Crítica da Razão Prática*.
- 6 **Indicação de vídeo:** Para uma maior compreensão deste ponto, veja-se o filme *O ponto de mutação*, baseado no livro de mesmo título do pensador Fritjof Capra. Acesse este filme no seguinte link: <<http://www.youtube.com/watch?v=7tVsIZSpOdi>> .
- 7 **Indicação de link:** Para uma compreensão mais ampla do conceito de pós-modernidade, veja-se o artigo indicado no seguinte link: <<http://www.espacoacademico.com.br/035/35eraylima.htm>> .
- 8 **Indicação de vídeo:** Veja-se a entrevista com o pensador Fritjof Capra, no seguinte endereço: <<http://www.youtube.com/watch?v=P6-yuMpk6B8>> .
- 9 **Indicação de link:** Para aprofundar o tema, ver o artigo disponível em <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/consumismo2.html>> .
- 10 O dadaísmo foi um movimento artístico da chamada vanguarda artística moderna, iniciado em Zurique, em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial. Foi formado por um grupo de escritores, poetas e artistas plásticos, dois deles desertores do serviço militar alemão, liderados por Tristan Tzara, Hugo Ball e Hans Arp. A palavra “dada” indica a falta de sentido que pode ter a linguagem (como na fala de um bebê), que simboliza o caráter anti-racional do movimento, claramente contrário à Primeira Guerra Mundial e aos padrões da arte estabelecida na época. Em poucos anos o movimento alcançou, além de Zurique, as cidades de Barcelona, Berlim, Colônia, Hanôver, Nova York e Paris. Muitos de seus seguidores deram início posteriormente ao surrealismo e seus parâmetros influenciam a arte até hoje.
- 11 Metanarrativa é uma forma de explicação geral ou global de um determinado contexto a partir de uma única teoria ou expressão teórica.

- 12 **Indicação de link:** Para a compreensão da arte pós-moderna, sobretudo no que diz respeito ao grafite, por exemplo, veja-se o artigo de Emílio Fernandes Rocha, disponível em: <<http://repositorio.aev.edu.br/files/a84f032a7699c663041a4101effc.pdf>> .
- 13 **Indicação de vídeo:** Sobre a noção de pós-modernidade no pensamento de Zygmunt Bauman, veja-se este vídeo do Prof. Luiz Felipe Pondé, no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=58MMs5j3TjA>> .
- 14 Por visão linear entende-se o modo de compreender a realidade a partir da “simplicidade” das relações de causa e efeito: todo efeito é resultado de uma causa correspondente. Determinando-se a causa, pode-se prever o efeito e vice-versa.
- 15 Por visão complexa entende-se um modo de compreensão da realidade que supera a “simplicidade” da visão linear, pois admite que um determinado efeito pode ter diversas causas e de diferentes origens. Trata-se de uma abordagem que surge, sobretudo, a partir dos novos conceitos da ciência, como a Teoria do Caos e as Lógicas Heterodoxas, por exemplo.
- 16 **Indicação de vídeo:** Para uma compreensão mais ampla da ideia de “fim das certezas”, veja-se o vídeo do próprio Ilya Prigogine, prêmio Nobel de Química, indicado no seguinte link: <<http://www.youtube.com/watch?v=tuqrvPQ7nAk>> .
- 17 O pensamento iluminista está vinculado a pensadores como Rousseau, Voltaire, Diderot, entre outros, que julgavam ser a razão humana a única “luz” capaz de “iluminar” as trevas da humanidade, conduzindo-nos à liberdade e ao progresso.
- 18 **Indicação de link:** Veja-se um artigo complementar sobre *ética e responsabilidade social* no seguinte link: <<http://mapadaterra.wordpress.com/2008/04/16/etica-e-responsabilidade-social/>> .
- 19 Visão totalizante corresponde a um ponto de vista em que determinada concepção ou ideia pode ser aplicada a todas as pessoas, universalmente.
- 20 Por *niilismo* entende-se uma concepção que defende a ausência de sentido nas coisas, na realidade, na história e na própria vida. O termo deriva do latim, *nihil*, que significa “nada”.
- 21 **Indicação de vídeo:** Pode-se acessar uma cena significativa deste filme no seguinte endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=kW__708OGRA&feature=results_video&playnext=1&list=PL656681F8BBAED17C> .
- 22 **Indicação de vídeo:** Pode-se acessar uma cena significativa deste filme no seguinte endereço: <<http://www.youtube.com/watch?v=1w9QYDmV3MU&feature=related>> .